



## GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que refletem sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

### **Compor-se com outrxs: mulheres, doenças e outras 'mais do que metáforas' numa instituição de saúde indígena em São Paulo**

**Autoria:** Valéria Mendonça de Macedo

'Mais do que metáfora' é o modo como Donna Haraway formula a condição a um só tempo carnal e textual de corpos ou composições. A doença é uma delas, evidenciando relações que constituem e alteram um corpo, podendo decompô-lo e desafiando-o a novas composições. Esse é o ponto de partida do que espero compartilhar de minha experiência etnográfica em uma instituição federal que hospeda e acompanha indígenas de diferentes regiões do país que vêm a São Paulo para tratamentos de saúde. A ideia é tematizar não só a doença como um 'compor-se com outrxs', mas também a condição de mulher - ambas categorias vinculadas aos divisores 'natureza x cultura' em práticas de conhecimento nessa instituição e nos hospitais que a ela se vinculam pelos itinerários terapêuticos de pacientes indígenas. Tais práticas de conhecimento, por sua vez, participam de agenciamentos mais amplos e heterogêneos, que busco acompanhar por meio de enredos, no duplo sentido de narrativa de uma sequência de ações e de participação em uma rede de relações. Espero trazer à cena modos como a condição de mulher, e diferentes premissas que a ela se vinculam, participa intensamente do agenciamento que constitui a doença na experiência de mulheres de diferentes povos que vêm a São Paulo para tratamento, como aquelas que vêm acompanhando um filho. Tais enredos incluem investidas sexuais de outros indígenas ou funcionários; contaminações e agressões



xamânicas pelo compartilhamento de quartos, banheiros e refeitório com pessoas desconhecidas; repreensões, imposições e exposições de enfermeirxs, técnicxs e médicxs, incluindo exames e procedimentos laboratoriais e clínicos; proselitismo religioso de outrxs pacientes ou funcionárixs; entre muitas outras alteridades intra e entre corpos. Estar em São Paulo é estar entre muitxs, implicando vulnerabilidade, mas também aquisição de vínculos e capacidades - assim como ocorre no adoecimento. De modo análogo a minhas interlocutoras e interlocutores indígenas, para quem a doença é vivida como descontrole relacional e destotalização, mobilizando novas composições, tenho buscado incorporá-la como um imperativo metodológico de compor-me com outrxs.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

